

SER HOMEM NO SERTÃO

IDENTIDADES SERTANEJA E MASCULINA EM UNIVERSITÁRIOS DO SERTÃO SERGIPANO

Charles Vinicius B. de Souza

1. INTRODUÇÃO

No conjunto da história do país, em termos de imaginário social, poucas categorias têm sido tão importantes para designar uma ou mais regiões quanto a de “sertão”. A região passa a ocupar lugar decisivo nas representações dos brasileiros e adquirir uma forte significação a partir da publicação do livro “*Os Sertões*”, de Euclides da Cunha (1902); a obra é um relato da Guerra de Canudos, destacando os determinantes geográficos e as características de seu povo. Ao se tornar referência cultural do Brasil, a obra promove elementos essenciais para construção imagética do sertão e sua população (Albuquerque Júnior, 2011; Amado, 1995).

Embora reconfigurado atualmente, com mais investimentos para o desenvolvimento agropecuário, tecnológico e social, o sertão ainda povoa a mente dos brasileiros como lugar de altas temperaturas, pobreza extrema, violência e desigualdades econômicas e sociais. O morador desse espaço, mesmo em meio a outros personagens associados ao nordestino, tais como o brejeiro, o cangaceiro e o jagunço tem destaque no imaginário popular como seu maior representante, contexto que também favorece a construções de estereótipos sobre ele. Assim, o

sertanejo é tido como a mais prototípica das identidades do Nordeste, uma identidade com elementos diretamente relacionados à sua própria história regional, que exigia a sobrevivência dos mais fortes e dos mais valentes e, onde, de acordo com o historiador Albuquerque Júnior (2013), não há espaço para atributos femininos, “até as mulheres são mulher macho, sim senhor!”, reiterando assim, a imagem desse local rude, áspero e violento.

A figura do “cabra macho” torna-se a mais frequente forma de ilustrar e distinguir o sertanejo. Desde “Os Sertões”, passando pela literatura regionalista dos anos de 1920 e discursos de intelectuais, no início do século XX, até mais recentemente pelas produções cinematográficas e de televisão, são construídas descrições e narrativas sobre a *performance* desse tipo regional, que é tido como um sujeito com traços masculinos, valente, destemido e viril, sendo essa masculinidade constantemente associada à força. Contudo, se de um lado há essas imagens de um homem heroico que, flagelado pelas fatalidades climáticas, resiste à natureza, demonstrando ser um modelo de masculinidade a ser seguido na região, por outro lado, são remetidas a uma construção estereotipada, ligada à miséria, à religiosidade extremada, à submissão, ao tradicionalismo cultural, à irracionalidade e à violência.

Essas representações imagéticas e narrativas sobre a região têm uma grande influência na construção da identidade do sertanejo, pois a identidade regional é uma construção que se baseia nas representações sociais do lugar, da sua história e do seu povo, sendo derivada da sua memória coletiva (Techio & Lima, 2016). Nessa perspectiva, uma região é mais do que sua delimitação geográfica ou humana, é uma construção resultante de interesses divergentes e convergentes, e de agentes (sociólogos, historiadores, economistas, políticos, artistas, escritores etc.), que disputam espaços atribuídos às identidades (Barbalho, 2004).

2. IDENTIDADE SOCIAL E PROCESSOS GRUPAIS

O termo “identidade” deriva do latim *idem* e tem o sentido de “mesmo”, enquanto o verbo “identificar” significa “tornar-se igual, idêntico a algo ou alguém”. Identificar significa, ainda, “separar, distinguir de outros semelhantes a partir de características que tornam algo ou alguém diferente”. Assim, o termo traz o sentido de unicidade e se refere a aspectos individuais que fazem cada pessoa sentir-se única, singular (Galinkin & Zauli, 2011). Os elementos que compõem as identidades podem ser atributos tanto pessoais quanto coletivos; desse modo, todo indivíduo seria caracterizado, de um lado, por traços de ordem social, que assinalam sua pertença a grupos ou categorias, e, por outro lado,

por traços de ordem pessoal, características mais específicas do indivíduo, mais idiossincráticas (Deschamps & Moliner, 2009). Nesse sentido, Ciampa (1987) compreende identidade como metamorfose, ou seja, que está em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos.

Um exemplo desta premissa pode ser percebido no poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo. Nesta clássica obra, o retirante nordestino, de nome Severino, se apresenta contando sua história, procurando diferenciar-se das características que são comuns a outros do seu entorno:

O meu nome é Severino, não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia [...]. (Melo Neto, 1955/2007 p. 75)

Com isso, temos o entendimento de que o pertencimento a grupos desempenha papel fundamental na vida social dos indivíduos, sendo essencial nas explicações sobre os fenômenos identitários, assim como é impossível entender os processos grupais e de identificação no vácuo social, físico e temporal. Para tal entendimento e explicação, é preciso considerar as relações que se estabelecem nos grupos, entre os grupos, e as condições sociais em que se desenvolvem (Techio, Lima, & Azevedo, 2012).

Levando em conta esses princípios básicos, neste capítulo, adotaremos os referenciais da Teoria da Identidade Social (TIS), segundo a qual a identidade se refere tanto à consciência que o indivíduo possui de pertencer a determinado grupo social, como à carga afetiva e emocional que esta pertença traz para o sujeito, assumindo que a identidade é, portanto, uma construção processual, subjetiva e balizada historicamente (Tajfel, 1983).

Torres e Camino (2011) nos esclarecem que o pressuposto fundamental dessa concepção é de que os indivíduos procuram alcançar um tipo de identidade social que contribui para obter uma autoimagem positiva. Esta imagem seria obtida procurando se diferenciar positivamente dos outros grupos, durante o processo de comparação social. Tal pressuposto surge a partir do conhecido experimento do “Grupo Mínimo”, que demonstra que, ao dividir um conjunto de

indivíduos em dois grupos, mesmo com base em critérios arbitrários, emerge um favoritismo de um grupo em relação ao outro. Em outras palavras, os resultados demonstraram que, quanto maior é o sentimento de pertença a um grupo, maior será a tendência de o indivíduo diferenciar de modo positivo seu próprio grupo (endogrupo) e desfavorecer o outro grupo (exogrupo) (Tajfel, Billig, Bundy, & Flament, 1971),

Tendo isso em vista, Tajfel (1982) afirma que a aquisição das diferenças de valor entre o seu próprio grupo (ou grupos) e outros grupos faz parte integrante dos processos gerais da socialização. Na verdade, trata-se de certas consequências da pertença ao grupo, o que o autor chamou de identidade social. Assim, o autor adota a perspectiva intergrupar da identidade social e considera a categorização social como um sistema de orientação que vai ajudar cada sujeito a criar e definir seu lugar na sociedade. Em suas palavras: “categorização social é o processo através do qual se reúnem os objetos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (Tajfel, 1983, p. 289-290).

Levando em consideração que a categorização entre eles e nós é suficiente para criar um grupo, esse processo tem a função de organizar as informações recebidas, poupando esforços do sistema cognitivo no processamento de tais informações e facilitando a orientação da pessoa em sua realidade social (Tajfel, 1983). Consequentemente, a identidade social é formada nas relações intergrupais a partir de processos psicológicos e influências sociais. Assim, o modo como os indivíduos são vistos, ou acreditam ser vistos, pelos membros dos exogrupos é decisivo na identificação social. Portanto, a identidade social não é o resultado apenas da pertença a determinados grupos, mas principalmente da comparação entre os grupos internos e os externos, determinando assim, as relações entre os grupos. Ressalte-se ainda que os indivíduos pertencem a vários grupos sociais e a grupos de diferentes tipos, trazendo mais complexidade às suas identidades (Roccas & Brewer, 2002).

Consequentemente, é também por meio da categorização que se formam os estereótipos, cujas funções são cognitivas (de preservação do sistema de valores) e ideológicas (de diferenciação em relação a outros grupos). Os estereótipos são concebidos como um produto normal dos processos cognitivos de categorização entre dois ou mais grupos, levando as pessoas a diferenciarem indivíduos pertencentes a diferentes grupos, simplificando ou exagerando as características de um grupo, bem como servindo para justificar e racionalizar as condutas intergrupais (Techio, 2011).

Levando em consideração a função social e cultural dos estereótipos, Tajfel (1983) destaca três funções que desempenham os estereótipos: explicação e busca de causalidade dos eventos; diferenciação social; e justificação social. A explicação e busca de causalidade social refere-se ao uso dos estereótipos para explicar os acontecimentos ou eventos sociais, que se caracterizam pela complexidade e caráter negativo. Por exemplo, Hovland e Sears (1940), usando dados de 14 estados do sul dos Estados Unidos, verificaram que se registrava uma correlação negativa entre os preços do algodão e os linchamentos de negros, o que os autores explicaram como o resultado dos deslocamento da responsabilidade pelos problemas econômicos para um grupo vulnerável.

Já a diferenciação social do estereótipo ajuda as pessoas a identificarem seu próprio grupo sociocultural; desse modo, sua função seria manter uma identidade positiva endogrupal e minimizar os negativos, quando comparados com os traços atribuídos ao exogrupo (Tajfel, 1983). Um exemplo são os estereótipos sociais relacionados aos homens e mulheres: traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) são mais associados à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade (Blaine, 2007).

Sobre a justificação social, Tajfel (1982) explica que, a partir de um sistema de valores que apoia a divisão social, explicam-se e justificam-se as ações dirigidas aos grupos estereotipados, processo que é reforçado pela categorização social. Assim, essas construções têm, entre suas funções, as de definir, estruturar e legitimar o *status quo* das relações sociais verticalizadas da sociedade; em suma, servem para justificar e manter o contexto social marcado por diferenças que, sem a ação ideológica dos estereótipos, não se sustentariam (Techio, 2011). Ainda relacionado ao exemplo anterior, determinados tipos de trabalho são mais relacionados a homens do que a mulheres, assim como esses trabalhos estão, em uma hierarquia, baseados nas características estereotipadas que temos dos dois grupos (Blaine, 2007).

Como consequência, os membros de grupos minoritários são duplamente desfavorecidos nas questões relacionadas às produções identitárias em contextos sociais de desigualdade, quando legitimados e estigmatizados por estereótipos (elementos identitários negativos) pelos membros dos grupos dominantes, e são também socializados a adotarem ideologias “mantenedoras do sistema”, passando, eles próprios, a internalizar crenças estereotipadas a respeito de seus próprios grupos ou pares (Techio, 2011).

Torres e Camino (2011) destacam ainda que a identidade social corresponde a um processo social que toma lugar não só no interior do indivíduo (fatores intrapsíquicos) ou no espaço das relações individuais (fatores interindividuais), mas se desenvolve no nível social e institucional (fatores intergrupais). Desse modo, o processo da identidade social é dialético na medida em que, de um lado, a identidade muda o sujeito, facilitando a incorporação de valores e normas do grupo social, mas, por outro, este processo implica uma participação ativa dos sujeitos na construção da identidade do grupo. Logo, pertencer a um grupo social implica compartilhar, pelo menos parcialmente, o núcleo das representações sociais que os caracteriza e os define (Giménez, 1997), assumindo que essas representações são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e compartilhado, que têm um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Moscovici, 2010). Nesse sentido, as representações sociais são consideradas como produtos do processo dinâmico que caracteriza e atualiza as identidades sociais; em outras palavras, as representações sobre a estrutura social, na qual o indivíduo está inserido, são mediadoras de categorias identitárias (Vala, 1997).

Após essa breve exposição teórica, é importante ter em mente que, ao se abordar o tema das identidades, aqui, em específico, a identidade social, é relevante levar em consideração que esse fenômeno constitui-se a partir das relações simbólicas que os indivíduos estabelecem com seus grupos de inserção (grupos sociais) e com o território que a interação se dá. É, nesse sentido que a identidade é sempre relacional e que impacta as ligações com o lugar, sendo este o ponto de práticas sócio-históricas específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente relacionadas (Techio et al., 2012).

3. CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SERTANEJA

Uma região territorial pode ser percebida de diversas formas, em variados momentos históricos, a partir de teorias diversas e de olhares múltiplos, suscitando a possibilidade de inventariar imagens, narrativas e memórias que surgem desse espaço. Considerando os processos identitários, o Nordeste, e o sertão em específico, podem ser vistos como uma produção geográfica, histórica, social, psicológica, econômica, política e, como tal, indissociáveis da constituição de identidade de seus atores.

Sendo a identidade regional uma construção que se baseia nas representações sociais do lugar, da sua história e do seu povo; sendo, por conseguinte, derivada

da sua memória coletiva (Techio et al., 2012), significa dizer que a identidade sertaneja, ao mostrar-se como construção cognitiva e emocional sobre uma região, consolida tanto o sertão quanto o sertanejo como uma identidade intrínseca, edificada através do tempo.

Portanto, como toda identidade, a identidade nordestina/sertaneja é marcada pela temporalidade; é uma identidade que surgiu em um momento específico da história. De fato, essa categoria de pessoas que conhecemos como nordestinos nem sempre existiu (Oliveira Filho, 2016). Em seu livro “A invenção do nordeste e outras artes”, Albuquerque Júnior (2011) explica que o recorte espacial Nordeste surgiu no final do século XIX e início do século XX. Na verdade, o termo Nordeste é usado, a princípio, para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), em 1919. Ainda segundo esse autor, o nordestino, assim como recorte regional Nordeste, nasceu a partir de uma série de práticas e discursos das elites do Norte do país (produtores, comerciantes e intelectuais) como uma reação à perda de espaços políticos e econômicos no cenário nacional e de sua provável subordinação ao Sul industrial do país. Assim, a priori, devemos compreender que o Nordeste não é construído com uma narrativa apenas sobre si, mas em comparação com o Sudeste (França, 2016).

Com o processo de declínio e decadência da produção açucareira nordestina, no final do século XIX e começo do século XX, com a substituição progressiva dos engenhos pelas usinas e as conseqüentes mudanças nas relações sociais e de poder, que teriam levado ao declínio tanto um patriarcado rural quanto uma forma de vida rural que progressivamente ia sendo substituída por padrões urbanos de sociabilidade e de sensibilidade, atrelado ao crescimento da migração para o Sul do país, há mudanças nos lugares ocupados pelas mulheres, pelos filhos e pela própria família no espaço social (Albuquerque Júnior, 2011, 2013).

Nesse contexto, vários discursos, tanto no Norte quanto no Sul, tentam compreender a nação em toda sua complexidade, assim como a busca pela sua identidade nacional. Contudo, as grandes distâncias e a deficiência nos meios de transporte e comunicação tornavam os espaços completamente desconhecidos entre si. Tanto o Nordeste quanto o Sul vão sendo imaginados a partir do lugar/referência em que se encontra o interlocutor. O que, somado à veiculação na mídia das “referências” do que seria esse “outro”, remetia por vezes apenas verdades etnocêntricas, que tomam a parte pelo todo e criam estereótipos regionais (Grangeiro, 2015).

No início do século XX, o regionalismo paulista se configurou como um movimento de superioridade, que se sustentava no desprezo pelos outros e no orgulho de sua ascendência europeia e branca, autointitulando São Paulo como berço da cultura civilizada, progressista e desenvolvimentista nacional. Seus discursos regionalistas foram acompanhados pela ideia de hierarquia entre as regiões, apoiados no processo de mudanças sociais na década de 1920, e utilizando os meios de comunicação, para apresentar uma nova configuração regional brasileira que pudesse legitimar essa suposta superioridade baseada nas ideias de progresso, abundância e higiene, como ilustra o texto que Albuquerque Júnior (2011) extrai de um artigo do jornal *O Estado de São Paulo* da época:

[...] incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo. *O Estado de São Paulo*, n/a, (03/09/1920)

Ao Norte, o Centro Regionalista do Nordeste é criado em 1924, sendo encabeçado pelo sociólogo Gilberto Freyre em conjunto com outros intelectuais da época. O grupo produzia eventos, literatura e artigos sobre a expressão tradicionalista e cultural da região, discursos que tentavam conservar os hábitos e práticas que estavam ameaçadas pela nova república que surgia (Albuquerque Júnior, 2011). Dos Estados Unidos, entre 1923 e 1924, Freyre enviava regularmente artigos para o jornal *Diário de Pernambuco*, nos quais procurava definir os contornos regionais de uma cultura do Nordeste, delimitando a região e unificando fenômenos díspares, muitas vezes desconectados, “nordestinizando”, assim, uma série de manifestações culturais, atitudes políticas, modos de vida, estruturas econômicas, processos e eventos originalmente demarcados pelo que se convencionou chamar de “civilização do açúcar” (Albuquerque Júnior, 2011). Nesses artigos, assim como nos textos reunidos em *O Livro do Nordeste*, de 1925, procurava-se combater as ideias expressas no jornal *O Estado de São Paulo*.

Lidando com questões do campo da construção de identidade, mais especificamente da identidade nacional, Freyre, contrapondo-se à visão negativa que o Sul retratava, apresenta o Nordeste, retratando a região como o “centro da civilização brasileira”, o berço de formação dos verdadeiros aspectos que configuram as peculiaridades da cultura brasileira (Albuquerque Júnior, 2011; Neves, 2012). Assim, a proposta do movimento regionalista era também contribuir para traçar o perfil do habitante da região pelo resgate das tradições rural e patriarcal, que se

daria com a produção cultural e artística; para isso, congregava com políticos e intelectuais de Pernambuco e dos estados identificados como nordestinos. Todas essas práticas e discursos, junto com expressões artísticas na literatura, música, teatro e cinema, além do cangaço, as revoltas messiânicas e os conchavos políticos das elites para a obtenção e manutenção de privilégios do governo nacional, contribuíram para a institucionalização da ideia de Nordeste e de nordestino (Albuquerque Júnior, 2013).

Esse movimento ancorou a realidade regional e a definição da fisionomia de seu habitante no passado, em um passado definido como tradicional, apontou que, das identidades existentes para a construção do nordestino, a mais prototípica é o sertanejo, quase sempre contraposto a outras identidades, como os brejeiros e litorâneos, tipos considerados fracos e que não representavam o homem viril de que a região precisava. A partir da imagem da seca e da aridez, desenha-se um tipo étnico apresentando tradições culturais particulares pela sua convivência com uma natureza áspera, árida e bruta. Nesses discursos de base biogeográfica, essa figura se torna um fruto da adaptação a um ambiente hostil, indivíduo “forçado” na luta contra o meio (Albuquerque Júnior, 2011, 2013).

Assim, uma forma de promover um contraponto a uma sociedade que se está modernizando e que, ao ver da elite nordestina e o regionalismo nordestino, está tornando-se “matriarcal” e “efeminada”, surge o perfil do sertanejo, que é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial e histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, áspers, “masculinos”. Desse modo, o nordestino é definido como um “macho”, capaz de resgatar o patriarcalismo em crise, um ser viril que poderia retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava, mostrando uma figura reacionária em relação a qualquer mudança que pudesse ocorrer nas identidades e nos papéis que eram definidos para os gêneros (Albuquerque Júnior, 2013).

Essa identidade tem forte relação com seu território e história. De acordo com Machado (1973), o povoamento do sertão, iniciado no século XVI, teve duas características que são importantes para traçar o perfil de sua população: a) os primeiros habitantes eram aventureiros portugueses ou mestiços, que não conseguiram progredir na região da cana-de-açúcar; e b) havia abundância de terras para povoamento, porém, por sua geografia, havia muita dificuldade de expansão, tendo em vista que o sertão semiárido do Nordeste compõe uma das três grandes áreas de semiaridez da América do Sul (Ab’Saber, 1999). Dessa forma, a vontade de ser livre, de não dar satisfação e nem ter o patrão

diariamente impondo-lhe ordens, ligada ao fato de formar uma fazenda própria, são os dois motivos mais aparentes da entrada e povoamento de todo o sertão nordestino.

Já no século XIX, a região era conhecida como a “civilização de couro”, pois sua economia e organização social eram baseadas na criação de gado. A região era dominada por grandes famílias, como os Garcia D’ávila, importante família baiana entre os séculos XVI e XIX, que esteve diretamente envolvida nos processos de conquista territorial (Pessoa, 2003). A relação da região com o gado é definidora de sua própria caracterização e sua população. Remonta a essa época um dos maiores símbolos do sertão, o vaqueiro, que era o responsável por se embrenhar na caatinga e resgatar o gado perdido ou roubado. Para isso, eram necessários, além do conhecimento sobre o território, força e coragem para desbravar a vegetação seca e perigosa, tanto pelas características próprias, quanto um pouco mais recentemente o bandidismo do sertão, os cangaceiros (Machado, 1973; Pessoa, 2003).

Durante muito tempo, a criação do gado permaneceu como única forma de atividade econômica. Contudo, com a expansão de ocupação territorial e a forte influência das secas, a criação de gado dividiu espaço com os caprinos (animais mais resistentes e de fácil criação), tornando-se, mais tarde, a única carne ao alcance do vaqueiro. Surge, assim, essa estreita ligação entre o homem do sertão nordestino, a caatinga, o gado, o bode e a vida no semiárido, numa luta e trabalho, muitas vezes, desiguais com a natureza e os latifundiários, passando, o homem do sertão nordestino, a se alimentar do que produz na lavoura, quando não trabalhando (França, 2016).

Ressaltando a visão dicotômica sobre a região, Oliveira (1998) destaca que o pensamento brasileiro repercutiu continuamente sobre as distinções entre litoral e interior, e entre cidade e sertão, demarcando as diferenças de vida social e de tipos humanos. Ainda segundo a autora, até os dias atuais, permanece uma cisão entre civilização *versus* barbárie, reproduzindo a ideia de atraso da região. Para Moraes (2006), ambas as representações, a de uma sociedade rude dos vaqueiros e um território da aridez, explicam culturalmente a construção de um ideário de sertão, quase o resumindo à seca e a um modo de vida rude, associado a uma civilidade arcaica. Mesmo com o decorrer dos anos, as expressões de arte e mídia contribuíram, de forma determinante, para a consolidação do sertão e seus habitantes no imaginário nacional.

Para além da forte influência política, a instituição sociológica e histórica do Nordeste não é feita apenas por seus intelectuais. As expressões artísticas/

folclóricas são elementos decisivos na defesa da identidade regional, surgindo principalmente da “escola tradicionalista de Recife”, da qual participaram influentes autores – como José Lins do Rego e Ascenso Ferreira, nas décadas de 1920 e 1930, passando pela música de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e Humberto Teixeira, a partir da década de 1940, até a obra teatral de Ariano Suassuna, iniciada na década de 1950 – que são construtores da imagem compartilhada que temos do Nordeste e do Sertão, sendo responsáveis pela inclusão desses recortes territoriais no imaginário social.

O conjunto dessas características fornece o material para a construção de uma identidade ambivalente do sertanejo, formada tanto por uma estereotipia negativa, em que se inferioriza o sertão/nordeste, quanto por uma estereotipia positiva, em que se enaltece essa região e o seu povo. Logo, podemos perceber o sertanejo como um indivíduo forte, macho, valente e disposto a lidar com as dificuldades que lhe são colocadas pelo ambiente e a ausência de assistência do Estado, como também por um estereótipo associado ao rural, tido como retrógrado, e a criação de estigmas, como tabaréu, violento, fanático, messiânico, incapaz, miserável.

Sabemos que o sertão, por meio de suas expressões imagéticas, seus símbolos e significados, legitima comportamentos, auxilia a construção dos estereótipos e das identidades; frente a essa estereotipia ambígua, na qual há a exaltação de características tidas como positiva, tais como força e coragem, como também atributos negativos ligados à ideia de “região sofrida”, remetendo o seu povo a flagelados e pessoas “sem cultura”, emergem questões: ainda hoje se perpetua a imagem do sertanejo baseado nos estereótipos que foram construídos a partir do início do século XX? Quais os elementos constitutivos e estereótipos que ainda estão associados à figura? A masculinidade ainda é um elemento fundamentalmente constitutivo dessa identidade regional? Como as mulheres sertanejas são vistas pelos homens dessa região? E de que forma a identidade regional é relacionada à identidade de gênero nessa região?

Levando em consideração que identidade é uma construção processual, subjetiva e balizada historicamente, assim como a relevância dos grupos para sua constituição, e adotando o sertão como território cuja historicidade está imersa em práticas e discursos, sejam políticos ou culturais, que estão diretamente vinculados a processos identitários de seus habitantes, como também na construção de estereótipos, visamos analisar as identidades sertaneja e masculina dos homens universitários do sertão de Sergipe.

4. O ESTUDO DAS IDENTIDADES SERTANEJA E MASCULINA NO SERTÃO DE SERGIPE

4.1 Participantes

Participaram do estudo 117 estudantes de uma universidade no sertão sergipano, sendo todos do sexo masculino, com idades entre 17 e 32 anos ($M= 21,9$; $DP= 3,26$) e residentes de 14 municípios que se localizam no sertão sergipano, tendo como base a delimitação territorial estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A amostra foi composta pelos cursos de Medicina Veterinária (39,95%), Engenharia Agrônômica (26,5%), Zootécnica (24,8%) e Agroindústria (12,8%). Com relação à orientação sexual, 107 (91,5%) se declararam heterossexuais, 6 (5,1%) homossexuais, e 3 (2,6%) bissexuais. Quanto à religião, 65,0% dos participantes eram católicos, 7,7% evangélicos/protestantes, 2,6% espíritas e um participante era religioso do candomblé, e 24,8% dos participantes afirmaram não possuir nenhuma religião. Quanto à renda, 71,8% declararam ter uma faixa de renda mensal familiar de até 2 mil reais, enquanto 17,1% tinham renda de 2 mil a 4 mil reais mensais. Apenas 11,2% afirmaram ter renda superior a 4 mil reais.

4.2 Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário que continha inicialmente questões sociodemográficas, como sexo, idade, renda familiar, crença religiosa e curso, e, em seguida, um instrumento de evocação livre baseado no Inventário de Identidade Psicossocial de Zavalloni (1984). O instrumento foi simplificado para ser utilizado em contextos de aplicação coletiva e teve como objetivo evocar as primeiras impressões dos termos em questão (“Nós os sertanejos somos...”, “Ser masculino significa...” e “Ser feminina significa...”), alcançando as representações identitárias dos indivíduos e seus componentes mais prototípicos, como também os mecanismos de exclusão e inclusão (nomeadamente por meio das respostas ao termo ligado ao feminino), atribuindo ainda valência a cada característica citada (positiva, negativa ou neutra) e ainda se tal característica se aplicava, ou não, a si mesmo.

4.3 Procedimento

Os questionários foram aplicados em sala de aula e respondidos individualmente, após autorização da instituição e professores responsáveis. Ao serem convidados a colaborar com um estudo na área de psicologia, foi-lhes

informado que se tratava de uma pesquisa sobre as concepções da masculinidade. Os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme consta na resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que apresentava os aspectos éticos da pesquisa, assim como o contato do pesquisador responsável, destacando a participação voluntária na pesquisa e ressaltando a possibilidade de desistência, a qualquer momento, do processo de coleta de dados e o sigilo com relação aos dados coletados.

4.4 Análise dos dados

Com os dados provindos das evocações, construiu-se os *corpus* de análise processados por meio do software livre Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), que permite fazer análises estatísticas sobre *corpus* textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Representações Identitárias do Sertanejo

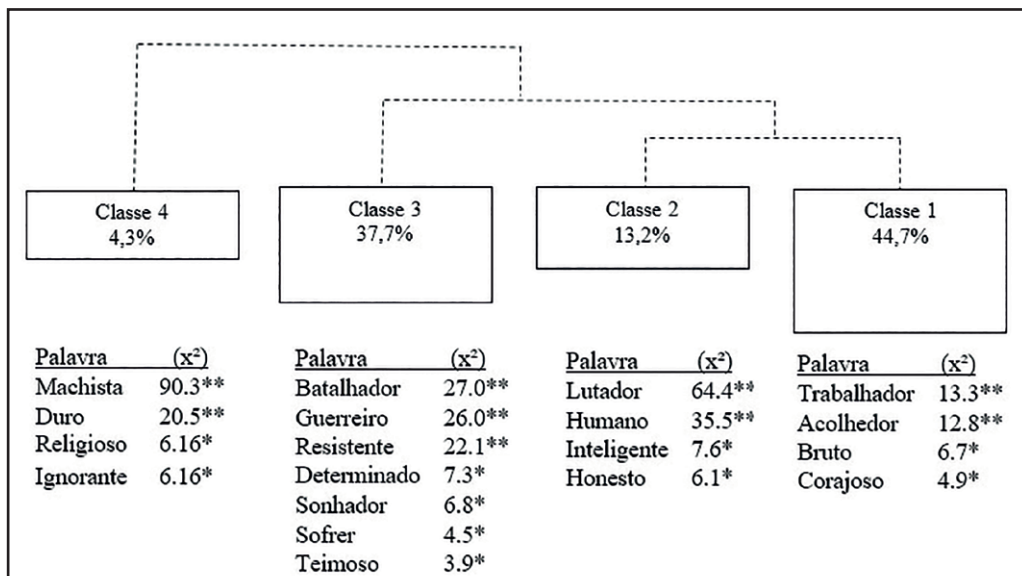
Para analisar as identidades sertaneja e masculina dos homens universitários do sertão de Sergipe, inicialmente analisamos as representações identitárias do sertanejo, a partir do *corpus* de dados composto pelas evocações referentes à frase indutora “Nós, os sertanejos, somos...?”; com o auxílio do software *Iramuteq*. Obtivemos um total de 612 ocorrências, sendo 207 palavras diferentes evocadas.

Por nossa amostra se tratar de homens residentes do sertão, as evocações referentes ao “ser sertanejo” e “ser masculino” foram interpretadas como dados característicos de processos identitários, pois nos reportam aspectos objetivos da identidade social, como os grupos de pertença, componentes identitários que se aplicam a si mesmo, e a sua valência, ou seja, teremos acesso ao conhecimento que o indivíduo tem sobre sua pertença grupal, seu significado e valor emocional associado.

Os resultados obtidos, a partir da análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), evidenciaram 114 segmentos de texto (98,2% do material analisado), classificados em quatro classes que se mostraram estáveis, ou seja, segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos de texto das outras classes. Para a criação dos campos léxicos, o programa utiliza o teste qui-quadrado (χ^2), que

revela a força associativa entre as palavras e a sua respectiva classe (Camargo & Justo, 2018). Foram destacados não apenas os resultados que tiveram um valor de qui-quadrado maior que 10,82 ($p < 0.001$; GL: 1), resultados com um nível de significância $p < 0,001$ (altamente significativa) nas associações, como também aqueles que apresentaram níveis de qui-quadrado superiores a 3,84 ($p < 0.05$), valor crítico para associação significativa entre a palavra e a classe, como estabelecido por default pelo *software*. O resultado dessa organização e as formas lexicais características de cada classe podem ser observados na Figura 1.

Figura 1- Dendograma da CHD: “Nós os sertanejos somos...?”.



Nota: ** A correlação é significativa no nível $p < 0.01$

* A correlação é significativa no nível $p < 0.05$

Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

A Figura 1 ilustra as relações interclasses; a leitura deve ser realizada da esquerda para a direita, ou seja, no primeiro momento, com a análise do *corpus*, obteve-se a Classe 4, que foi dividida (1ª partição) em dois *subcorpus*. No segundo momento, um *subcorpus* foi dividido em dois (2ª partição), assim obteve-se a Classe 3. No terceiro momento, ocorreu mais uma partição, originando as Classes 2 e 1. A partir desses resultados, foi possível identificar os pontos centrais do *corpus* “sertanejo”, além de se compreender como os termos estão associados uns aos outros. Essas classes representam o ambiente de sentido das palavras e indicam representações identitárias ou elementos constituintes da

identidade social do sertanejo. Assim, as classes foram nomeadas e agrupadas em quatro categorias representacionais: Trabalhador (Classe 1), Lutador (Classe 2), Resistência Sertaneja (Classe 3) e Machismo (Classe 4) (Tabela 1).

Tabela 1- Categorias Representacionais: “Nós sertanejos somos...?”.

| Categorias | Definição | Palavras associadas (f total; χ^2) | (%) |
|---|--|--|------------|
| Trabalhador (Classe 1) | Faz referência à relação entre o sertanejo e o trabalho. | Trabalhador (50; 13.3) Acolhedor (18; 12.8) Bruto (11; 6.7) Corajoso (12; 4.9) | 44,7% |
| Lutador (Classe 2) | Faz menções às lutas do dia a dia e às qualidades percebidas do sertanejo. | Lutador (9; 64.4) Humano (5; 34.5) Inteligente (18; 7.6) Honesto (15; 6.1) | 13,1% |
| Resistência Sertaneja (Classe 3) | Refere-se ao enfrentamento e determinação do sertanejo frente a dificuldades | Batalhador (17; 27.0) Guerreiro (19; 26.0) Resistente (12; 22.1) Determinado (7; 7.3) | 37,7% |
| Machismo (Classe 4) | Remete a uma conduta conservadora em relação às práticas de gênero | Machista (5; 90.3) Duro (5; 20.5) Religioso (3; 6.1) Ignorante (3;6.1) | 4,3% |

Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

A Classe 1, intitulada “Trabalhador”, foi constituída por 44,7% dos segmentos de texto; reúne termos que remetem à forte relação entre o trabalho e a figura do sertanejo, como algo inseparável do seu dia a dia, assim como a necessidade de ser corajoso, atributo historicamente associado à região, desde a própria rudeza do ambiente até suas figuras imagéticas como os cangaceiros e vaqueiros, figuras valoradas e de referência na constituição histórica dessa identidade.

A Classe 2 foi constituída com 13,1% dos segmentos de texto. Intitulada “Lutador”, diretamente associada à classe “Trabalhador”, traz a representação da luta que o sertanejo enfrenta contra as adversidades inerentes à sua região, sendo necessário usar suas habilidades de inteligência e criatividade, sem perder sua ética, pois sua reputação é um elemento indissociável da figura desse indivíduo (Albuquerque Júnior, 2013).

Constituída por 37,7% do *corpus*, a Classe 3 (37,7%), nomeada de “Resistência Sertaneja”, representa as características exigidas frente às circunstâncias nas quais o sertanejo está inserido. Ser guerreiro, batalhador e resistente se faz necessário onde há uma contínua batalha pelo desenvolvimento e sobrevivência, não apenas relacionada à geografia do sertão, mas a uma estrutura político-social que, historicamente, constitui a ideia compartilhada da “região do atraso”, onde, pela ausência de incentivo do poder público, seu povo se percebe desassistido, podendo contar apenas com eles mesmos.

Já a Classe 4 (4,3%) é caracterizada por um vocabulário que remete imagem do sertanejo a uma conduta conservadora e rígida, em relação às práticas de gênero. Essa classe, intitulada “Machismo”, nos traz a percepção de que ainda há uma relação entre as representações identitárias do sertanejo e as práticas discursivas que constituíram o “cabra-macho” sertanejo, que é premissa em uma organização social patriarcal e utiliza o argumento do sexo para hierarquizar as relações (Drumont, 1980). Essa categoria representacional nos remete a uma identidade constituída junto com a própria concepção da região, fruto da “necessidade” de um símbolo másculo, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, por conta das mudanças sociais, no início do século XX (Albuquerque Júnior, 2011, 2013). Contudo, o fato de o conteúdo da classe ter sido evocado a partir da categoria sertanejo demonstra que há uma perspectiva mais crítica com relação à constituição dessa identidade, que tem sua concepção diretamente ligada ao gênero masculino e, conseqüentemente, ao endossamento de práticas patriarcais que podem culminar em expressões de preconceito, como o sexismo e a homofobia.

Em nossos resultados, as representações identitárias associadas ao sertanejo foram localizadas, principalmente, por traços que enfatizam a força, o trabalho e a resiliência, características eminentemente positivas, apesar de alguns termos remeterem a estereótipos negativos, trazendo uma representação da região como uma “região sofrida”, relacionada a elementos simbólicos como a seca e a fome, na qual sua população seria sobrevivente dessas mazelas, imagens fortemente divulgadas, ao longo da história brasileira, e que ainda são associadas à região no pensamento nacional.

Desse modo, percebemos o desenvolvimento de uma estratégia cognitiva que auxilia a criação e a manutenção da identidade social positiva (Tajfel, 1982), pois, na medida em que não é possível desassociar-se do grupo, como é o caso dos sertanejos ou mesmo nordestinos, outras estratégias são criadas, tais como a criatividade social, que implica novas dimensões de comparações em que o

grupo de pertença não está em desvantagem, como a valorização de características positivas relevantes para identidade (Techio, 2011).

Nesse processo de criatividade social, a representação do sertanejo é lida e interpretada de forma diferente, até mesmo as características que podem ser interpretadas negativamente. Por exemplo, apesar de diante do termo indutor “*nós os sertanejos somos...*”, 75,9% dos sujeitos fazem atribuições positivas às palavras que expressaram, a alta frequência do termo “sofrer” ($f=25$), que não tem uma conotação positiva na nossa língua, foi avaliado por 50% dos participantes como de valência positiva, seguido de 35% negativa e 12,5% neutra. Esse dado nos remete à tese de construção social do sertanejo, possivelmente, trazendo a ideia de que o sofrimento é algo intrínseco à formação do sertanejo, por isso tem caráter constituinte, positivo (Menezes, 2016), ou ainda poderíamos citar a classe “Resistência Sertaneja”, que evidencia os enfrentamentos e persistência do sertanejo diante das dificuldades, sejam elas por questões naturais ou outro tipo de ausência; há a percepção de que o morador do sertão não desiste.

Dentro deste contexto, é perceptível o processo de ressignificação dos elementos negativos ou pouco valorizados socialmente, transformando em aspectos que qualificam positivamente a identidade social sertaneja, forma de preservar a identificação regional (Tajfel, 1982). Conduto, apesar da identidade social positivada, ainda há o endosso de características de estereótipos ligados ao sertanejo, que ainda é visto como um povo *sofredor e ignorante*, da mesma forma que é *trabalhador, guerreiro e lutador*. Indivíduo que foi *embrutecido* pela natureza que o cobra *resistência, coragem e inteligência*, mas sem deixar de lado seu lado *humano, honesto e religioso*.

Tendo isto em vista, podemos afirmar que ainda há uma visão essencialista sobre o próprio sertanejo, entendendo por essencialização, um processo da categorização social caracterizado pela crença na existência de atributos imutáveis concernentes aos entes pelos quais a categorização essencialista se aplica. (Pereira, Álvaro, Oliveira, & Dantas, 2011). Assim, o modo pelo qual os estereótipos atribuídos ao sertanejo reforçam sua constituição sócio-histórica, endossando a ideia de que “por natureza” este indivíduo é resistente à região do semiárido e às suas secas, inerentemente aptos ao trabalho físico, e dotado de uma resiliência necessária para habitar o sertão, pode indicar o resultado de um processo de naturalização desse grupo, situação próxima à encontrada por Batista (2014), em que, devido às semelhanças nos resultados obtidos entre o grupo dos negros e o grupo das pessoas nascidas no nordeste, com relação às características atribuí-

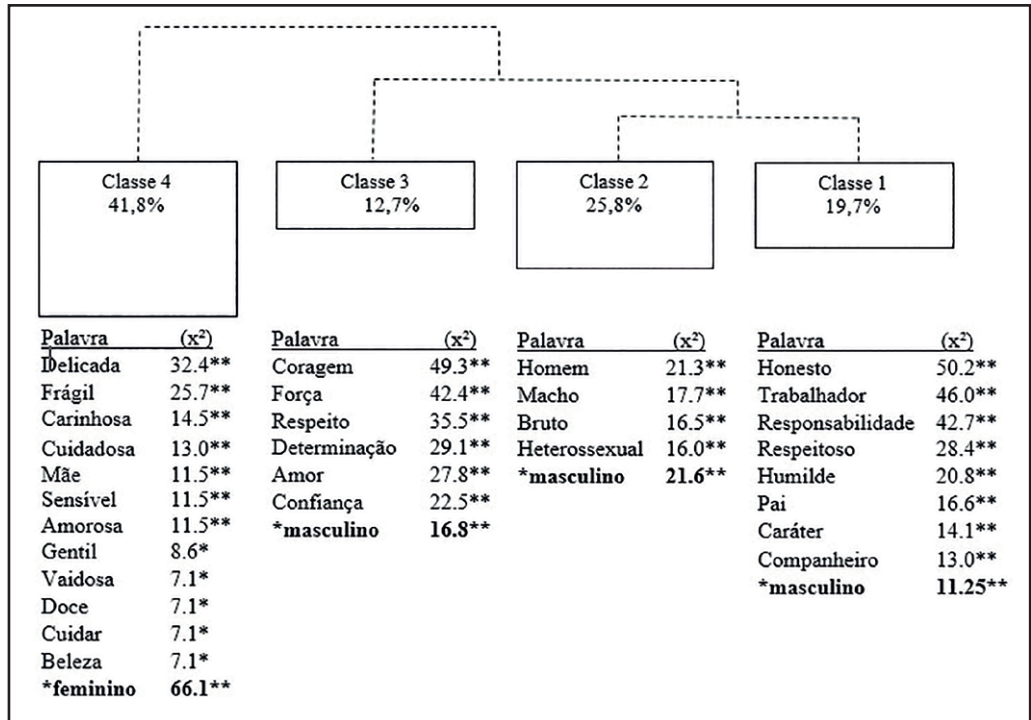
das a partir de um *checklist* de adjetivos positivos e negativos, foi levantada a suspeita de que, assim como os negros, os nordestinos teriam sido submetidos ao mesmo processo de essencialização, pela via da naturalização.

6 SER MASCULINO E SER FEMININO NO SERTÃO

Antes de um maior detalhamento dos resultados, é importante destacar que, por conta da delimitação da amostra a homens do sertão sergipano, e por compreendermos que o processo de identidade social não ocorre no vazio social (Tajfel, 1982), entender os tipos de relações intergrupais que existem nesse espaço é fundamental para maior compreensão sobre a maneira como os indivíduos e os grupos percebem a organização da sociedade em que estão inseridos, sua estrutura, estabilidade e legitimidade (Torres & Camino, 2011). Nesse sentido, a categorização social, como representação cognitiva da estrutura social, é inserida como fator central modulador da identidade (Fernandes & Pereira, 2018). Portanto, compreender de que forma os homens do sertão de Sergipe percebem o feminino se torna primordial para alcançarmos o objetivo deste estudo, pois, além de constituir um conteúdo significativo sobre um exogrupo, a literatura nos mostra que o elemento feminino é indissociável da construção da masculinidade (Connel, 2000; Kimmel, 1998; Welzer-Lang, 2001). Por este motivo, a representação social do feminino, para esses homens, também foi integrada ao estudo, possibilitando acesso às representações sobre este exogrupo, e como os participantes se localizam nas expressões identitárias de gênero.

O segundo *corpus* de análise foi composto por todas as evocações dos participantes referentes aos termos estímulos: “Ser masculino significa...” totalizando 734 ocorrências, sendo 321 palavras diferentes evocadas; e “Ser feminino significa...” totalizando 697 ocorrências, sendo 323 palavras diferentes evocadas. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) permitiu classificar 213 segmentos em quatro classes que se mostraram estáveis, correspondente a 97,2% do total do *corpus*, como se observa na Figura 2.

Figura 2- Dendograma da CHD: De “ser masculino significa” e “ser feminina significa”.



Nota: ** A correlação é significativa no nível $p < 0.01$

* A correlação é significativa no nível $p < 0.05$

Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

No dendograma (Figura 2), da esquerda para direita, é possível observar que, a partir da análise do *corpus*, obteve-se a Classe 4, podendo ser considerada a mais homogênea e dividida (1ª partição) em dois *subcorpus*. No segundo momento, um *subcorpus* foi dividido em dois (2ª partição), assim obteve-se a Classe 3. No terceiro momento, originaram-se as Classes 2 e 1. Observamos também que três das classes estão associadas às evocações do “ser masculino significa...”, e apenas uma classe ligada ao conteúdo “ser feminino significa...”, como destacadas em negrito as variáveis: ***masculino** e ***feminino**. O modo como as classes se constituíram, apresentando um maior universo lexical dos termos para o masculino, demonstra uma homogeneidade do exogrupo (Deschamps & Moliner, 2009), pois os termos relacionados a “ser feminino significa” são bastante semelhantes entre si e com uma gramática limitada.

Desse modo, a partir do resultado dessa organização e das formas lexicais características de cada classe, assim como realizado anteriormente, as classes

foram analisadas, nomeadas e agrupadas em quatro categorias: Trabalhador Honesto (Classe 1), Heteronormatividade (Classe 2), Atributos Masculinos (Classe 3) e Ser Feminina (Classe 4) (Tabela 2).

Tabela 2- Categorias Representacionais: “Ser masculino...” e “Ser feminino ...”.

| Categorias | Definição | Palavras associadas (f total; χ^2) | (%) |
|--|---|--|------------|
| Trabalhador Honesto (Classe 1) | Refere-se à relação direta do gênero masculino com o trabalho e atribuições. | Honesto (16; 50.2) Trabalhador (13; 46.0) Responsabilidade (10; 42.7) Respeitoso (9; 28.4) Humilde (5; 20.8) Pai (5; 16.6) Caráter (11; 13) Companheiro (9; 13.0) | 19,7% |
| Heteronormatividade (Classe 2) | Faz referência à delimitação do gênero e à sua associação a práticas heteronormativas. | Homem (30; 21.3) Macho (6; 17.4) Bruto (8; 16.5) Heterossexual (10; 16.8) | 25,8% |
| Atributos Masculinos (Classe 3) | Cita características relacionadas ao modelo “ideal” de masculinidade. | Coragem (9; 49.3) Força (10; 42.4) Respeito (10; 35.5) Determinação (8; 29.1) Amor (6; 27.8) Confiança (7; 22.5) | 12,6% |
| Ser Feminina (Classe 4) | Refere-se a termos que estão relacionados a características esperadas ao gênero feminino. | Delicada (21; 32.4) Frágil (17; 25.7) Carinhosa (13; 14.5) Mãe (8; 11.5) Sensível (11; 11.5) Amorosa (11; 11.5) Gentil (6; 8.6) Vaidosa (5; 7.13) Doce (5; 7.13) Cuidar (5; 7.13) Beleza (5; 7.13) | 41,7% |

Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

Como pode ser observado na Tabela 2, os elementos da Classe 1 (19,7%), intitulada “Trabalhador Honesto”, demonstram a associação do gênero masculino com o trabalho e as posturas que esses indivíduos consideram importante desempenhar no convívio social; assim, o modo que este homem é visto socialmente é fundamental para a afirmação de sua identidade masculina como, por exemplo, a ausência de um vínculo de trabalho pode ser vista como um fator que diminui sua masculinidade (Nader & Caminoti, 2014).

A Classe 2, intitulada “Heteronormatividade”, traz-nos uma perspectiva essencialista do gênero. Dentro da categoria, é perceptível uma exigência de práticas heteronormativas para existência da masculinidade, ou seja, a normatização da heterossexualidade e o embrutecimento do gênero nos sugere que qualquer tipo de comportamento, por parte dos homens, que possa ser considerado feminino, deve ser evitado (Guerra, Scarpati, Duarte, Silva, & Motta, 2014) e ainda deixa explícito que existem relações de dominação e subordinação de gênero, específicas dentro dos grupos de homens, como uma estigmatização cultural da homossexualidade.

A Classe 3, categoria denominada “Atributos Masculinos”, traz algumas das descrições pertinentes ao modelo ideal de masculinidade: “coragem”, “força” e “determinação”. Trata-se de possibilidades facultadas ao universo masculino, ou seja, daquilo que seria desejável para um homem. Por conta de um modelo de virilidade que impera no processo de socialização masculino, desde cedo, os homens são estimulados a serem livres e independentes, contar vantagens e divulgar seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características da sua prática social (Wang, Jablonski, & Magalhães, 2006).

A Classe 4, a única que está associada às representações do feminino, por isso intitulada “Ser Feminina”, promove uma associação de termos que representam as características apropriadas ao ser feminino, de uma perspectiva estereotipada da “mulher frágil”. Ressalta a ideia de uma maior sensibilidade emocional atribuída à mulher, sendo mais “delicada”, “sensível” e “frágil”, remetendo à percepção de que as mulheres são mais emotivas do que os homens, apesar dos homens serem mais propensos a demonstrar raiva (Shields, 2002).

Observando o conteúdo representacional ligado aos gêneros, os dados demonstram uma ordem social caracterizada pela extensão dos significados masculinos a diversos aspectos do domínio público e privado, com atribuições e práticas ligadas a um ideal de masculinidade compartilhado socialmente, enquanto o conteúdo feminino se restringe à associação dos significados ligados a relações

afetivas e práticas de cuidado baseadas na divisão social por gênero, características ligadas aos estereótipos sobre as mulheres, assim como um vocabulário muito mais restrito ao universo feminino, na medida em que os membros dos exogrupos são percebidos de forma mais homogênea e os membros dos endogrupos de forma mais heterogênea, portanto, menos estereotipada (Deschamps & Moliner, 2009).

Swim e Hyers (2009) ressaltam que esses tipos de estereótipos, a priori, podem ser percebidos apenas como diferença entre os gêneros em características ou habilidades, contudo, podem ser danosos, principalmente quando há seletividade baseada em gênero em diversos contextos, ou, ainda, como as pessoas, em determinadas situações, tratam diferentemente homens e mulheres. A forte associação das palavras “mãe”, “cuidar” e “cuidadosa”, por exemplo, nos remete à ideia de responsabilização e cuidado pelo ambiente doméstico. Nessa divisão, baseada em papéis tradicionais de gênero, a mulher fica responsável tanto pelas atividades domésticas quanto, e de forma proeminente, pelo cuidado infantil, naturalizando o tempo que as mulheres passam com as crianças, que é mais longo que o gasto pelos homens, e reforçando a ideia de que o cuidado com os filhos é uma atribuição inerentemente feminina (Swim & Hyers, 2009).

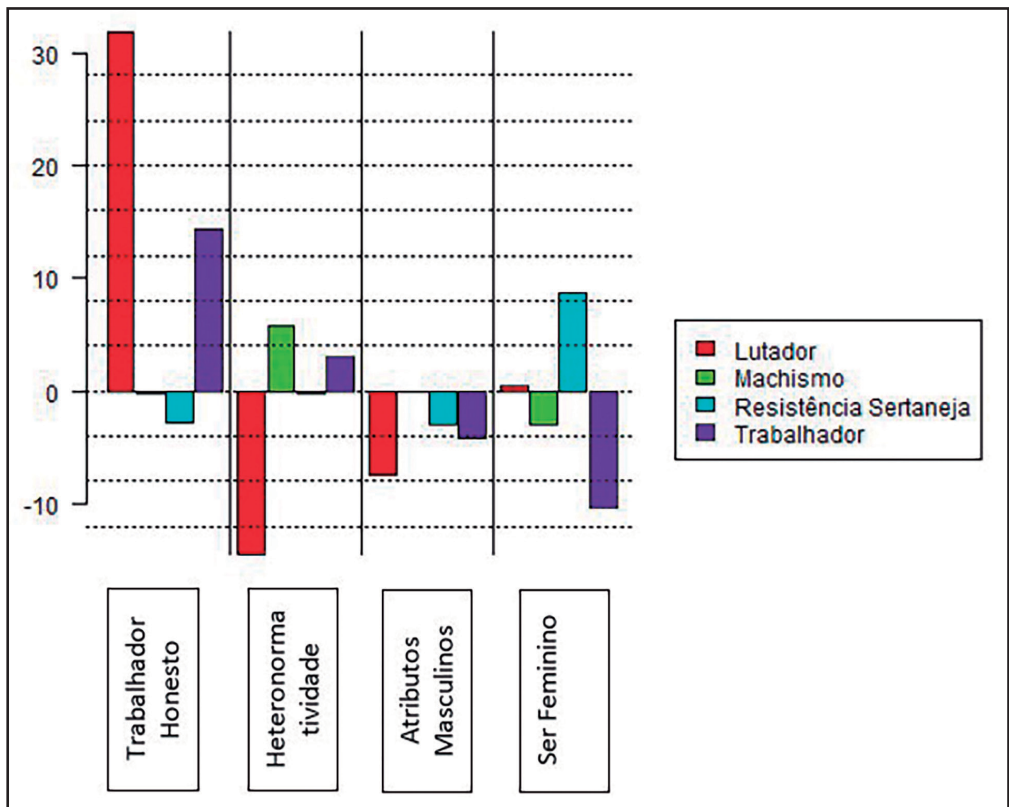
Outra característica nos elementos constituintes da representação feminina é a imposição da beleza e fixação na aparência física das mulheres, por vezes, implicando o erótico em detrimento das demais qualidades da mulher; é um tipo predominante de expressão de sexismo, podendo ser configurado como objetificação sexual ou corporal, que é vivenciada tanto indiretamente como por meio de representações do feminino, pela mídia e nas relações cotidianas e de trabalho (Swim & Hyers, 2009).

Portanto, nota-se que os termos associados a “ser feminino” endossam estereótipos de gênero, predominantemente na expressão de sexismo benevolente, como as palavras: delicada, frágil, carinhosa, cuidadosa e sensível, caracterizando o gênero feminino e a figura da mulher, de forma que esta deve ser protegida, apoiada e adorada, e que a mulher é necessária para completar um homem. Essa idealização das mulheres implica, simultaneamente, que elas são fracas e mais adequadas aos papéis convencionais de gênero (Glick & Fiske, 2001; Swim & Hyers, 2009). Desse modo, os estereótipos ligados a gênero, além de serem considerados sexistas e justificarem o *status quo* patriarcal, podem levar as pessoas a essencializarem as diferenças de gênero, percebendo que as diferenças são inevitáveis, cristalizando, com isso, a delimitação social por gênero, e mantendo diferentes normas sociais

e restrições situacionais para mulheres e homens (Glick & Fiske, 2001; Swin & Hyers, 2009)

Como forma de promover uma aproximação entre os conteúdos representacionais, construímos um Tgen com base nas classes léxicas advindas do termo “nós, os sertanejos, somos...?”, de forma a comparar esses conteúdos aos relacionados ao gênero. Tgen é um reagrupamento de formas ou palavras que serão consideradas como um todo (Camargo & Justo, 2018). Trata-se de uma projeção de um conjunto de palavras agrupado (Tgen) nos perfis da classificação léxica, ou seja, comparar as classes de “ser sertanejo” nas classes derivadas das evocações “ser masculino” e “ser feminino”, ressaltando que o qui-quadrado de ligação dos Tgens às classes de destino é calculado na mesma lógica que nos perfis: eles marcam a sobrerepresentação ou sub-representação dos segmentos de texto que contêm pelo menos uma das formas de Tgen, na classe (Ratinaud & Marchand, 2016) (Figura 3).

Figura 3- Tgens das classes de “ser sertanejo” nas classes de “ser masculino” e “ser feminino”.



Fonte: Elaborada pelos Organizadores.

Como é possível observar na Figura 3, a Classe 1 (Trabalhador Honesto) é sobre-representada pelos termos das categorias “Lutador” ($\chi^2= 31.8 p<0.0001$) e “Trabalhador” ($\chi^2=14.3 p<0.005$) das evocações sertanejas, que possuem características vinculadas à relação com o trabalho e os atributos para lidar com as dificuldades, demonstrando que há uma forte interseção entre os termos utilizados em ambos os *corpora*. A recomendação de conexão entre as classes é de uma associação de pelo menos $\chi^2=15,2$ ($p< 0,0001$) (Ratinaud e Marchand, 2016).

Observando a análise comparativa promovida por meio de Tgens, percebemos que há sobreposições, principalmente nas classes que tratam da relação das identidades com o trabalho, elemento central na representação do sertanejo e diretamente relacionado à sua imagem construída a partir de discursos e práticas que enquadravam os retirantes do “Norte”, como os trabalhadores símbolos nacionais, por não terem medo de trabalhar (Albuquerque Júnior, 2011, 2013), assim como o trabalho é a principal maneira de inserção no mundo público e, portanto, um dos pilares sobre o qual se ergue a identidade masculina tradicional. Dessa forma, exige-se que o homem tenha emprego, implicando, assim, ter recursos financeiros suficientes, para o provimento da família, papel que endossa os estereótipos instrumentais desse gênero (Muszkat, 2006; Wang, Jablonski, & Magalhães, 2006).

Assumindo que a identidade masculina tem forte influência sobre a constituição da identidade sertaneja, podemos afirmar que os indivíduos que possuem esta identidade promoveram uma interseção entre elas. Roccas e Brewer (2002) explicam a interseção como um meio pelo qual um indivíduo pode obter reconhecimento simultâneo de mais de uma identidade social e ainda manter uma única representação de grupo, podendo definir o grupo como a interseção de várias associações de grupos. Desse modo, na medida em que um grupo é altamente semelhante entre seus membros e compartilha os mesmos atributos e valores básicos, as diferentes identidades de grupo são altamente compatíveis e é fácil conceber, no grupo múltiplo, associações como um único grupo relativamente homogêneo. Em suma, quanto mais uma pessoa percebe os grupos aos quais pertence como semelhantes entre si, menos complexa é sua identidade social (Roccas & Brewer, 2002). Assim, podemos afirmar que, pelo menos em parte, os participantes assumem uma identidade regional diretamente relacionada à sua identidade de gênero, convergindo em representações estereotipadas do sertanejo, trazendo princípios e comportamentos baseados nas práticas e discursos sócio-históricos que atravessam o sexo masculino da região desde o século XX.

Na proporção que essa interseção se enquadra em um tipo de representação de identidade social menos complexa (Roccas & Brewer, 2002), os participantes tendem a perceber o ambiente em termos simples, desenvolvendo um certo conservadorismo, no sentido de evitar incerteza, ambiguidade ou instabilidade. Desse modo, tendem a delimitar muito bem os grupos que não têm características próximas às do grande grupo (homens sertanejos), como é caso das representações do feminino neste estudo. Dessa maneira, a representação que se tem, sobre ser feminino, promove o compartilhamento de uma visão idealizada da mulher como objeto romantizado, desenvolvendo as atitudes de reverência e proteção a seu papel de mãe e esposa, apoiando os papéis sociais tradicionais de gênero, podendo contribuir nas expressões de preconceito sutil que apoiam crenças sobre a inferioridade feminina e a manutenção de uma organização social desigual.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando o sertão como um território produtor de história, cultura e consciência regional, fatores indissociáveis da constituição de identidade de seus habitantes, constatamos que a identidade social do sertanejo é composta por traços que enfatizam, sobretudo, a força, o trabalho e resiliência, resultado que é associado às representações compartilhadas do sertão e seu povo. Identificada no imaginário popular como uma região “problema”, geralmente é remetida a uma contínua batalha pelo desenvolvimento e sobrevivência dos sertanejos, identidade que tem elementos advindos desde a própria rudeza do ambiente até suas figuras imagéticas da região, como os cangaceiros, messiânicos e vaqueiros, figuras dotadas de perseverança e força.

Evidencia-se assim que os universitários da região compartilham das representações e estereótipos direcionados aos próprios sertanejos; portanto, identificar-se como sertanejo é também compartilhar parte do núcleo das representações sociais que os caracteriza e define esse grupo (Giménez, 1997). Contudo, percebemos também que essa identidade foi resignificada, e os elementos negativos reforçados socialmente foram transformados em características positivas, interpretadas como uma forma de preservar sua identificação regional (Tajfel, 1982), o que implica dizer que, mesmo em uma sociedade globalizada, na qual o desenvolvimento incessante das tecnologias de transporte e comunicação cada vez mais liga o local ao global, a identidade sertaneja tem sua essência preservada, associada à tradição regional e ainda fortemente ligada às características do seu espaço e de sua memória social.

Já o conteúdo identitário ligado ao masculino nos remete às características sobre as atribuições do gênero, sobretudo, no campo público, enquanto as representações do feminino ao privado, representação que, além de trazer elementos estereótipos de gênero, nos descreve o processo de categorização social, em que o grupo masculino (homens) caracteriza o endogrupo e o grupo feminino, o exogrupo que se diferencia (Tajfel et al., 1971; Tajfel, 1982). Os componentes identitários masculinos que surgiram neste estudo nos remetem a atributos pertinentes ao modelo ideal de masculinidade, reafirmando a superioridade masculina em detrimento do feminino e de outras masculinidades subordinadas (como homossexuais, por exemplo), naturalizando práticas de sexismo, e indicando ainda um movimento de manutenção de posturas tradicionais de gênero, que demarcam diferenças sociais e asseguram espaços de poder masculino. Nesse sentido, percebemos que o processo de diferenciação social ajuda a manter uma identidade masculina positiva, quando comparado aos traços atribuídos aos exogrupos (mulheres), reforçando a divisão social e justificando as ações dirigidas aos grupos estereotipados (Tajfel, 1982).

Podemos constatar ainda que as identidades sertaneja e masculina se relacionaram fortemente, em muitos aspectos, com destaque ao trabalho, sobrepondo-se e convergindo também com a construção histórica dessa identidade regional, pois a figura do sertanejo surge na confluência de um discurso político e de um movimento cultural regionalista que instituía a masculinidade como base dessa identidade. Por conta da sobreposição entre as identidades sertaneja e masculina, características patriarcais são presentes na constituição de ambas representações identitárias; desse modo, podemos afirmar que sua relação com o sexismo se dá, principalmente, no compartilhamento de uma visão idealizada da mulher, que tem suas características homogeneizadas, endossando os papéis sociais tradicionais de gênero.

Em suma, as imagens e representações do sertão influenciam diretamente a construção de identidades da região, trazendo características de sua cultura e tradição, valorizando o espaço, assim como construções estereotipadas relacionadas ao próprio sertanejo, retratando uma imagem construída ao longo da história da região. Dessa forma, este estudo propõe uma reflexão sobre as dimensões identitárias dos homens do sertão sergipano e como essas podem influenciar na manutenção da estrutura social patriarcal, reproduzindo estereótipos regionais e de gênero, promovendo discriminações sociais na medida em que endossam crenças sexistas ou mesmo xenofobia. Abre-se a possibilidade de desnaturalizar as figuras e os papéis de gênero da região, permitindo pensar outras formas

possíveis de “ser homem”, no sertão, para além do estereótipo de “cabra-macho”, que é acompanhado por uma série de valores, que podem dar legitimidade para atos de discriminação às mulheres e aos próprios homens.

